



## 5º Domingo da Páscoa (24/04/2005)

### 1ª leitura – Deuteronômio 6.20-25 (1ª opção)

O texto de hoje está contido no segundo discurso atribuído a Moisés e que serve como introdução ao grande código deuteronômico. A frase: "Amanhã, quando teu filho perguntar 'por que essas leis, estatutos e normas que o Senhor, nosso Deus, nos prescreveu?....'" está contida na liturgia que as famílias judaicas celebram na Páscoa. Ali os filhos perguntam sobre a diferença que há entre a ceia costumeira e a ceia pascal. E a resposta indica que as instituições (leis, liturgia, costumes, etc) apontam para a ação misericordiosa de Deus que proporcionou a libertação no passado e outorgou as leis para garantir a continuidade da libertação.

As leis devem ser observadas não simplesmente para a satisfação de Deus, mas sobretudo porque elas apontam um caminho de vida ("para que tudo nos corra bem... para dar-nos a vida"- v.24). (Rev. Carlos Eduardo Calvani)

### Atos 17.1-15 (2 opção)

O texto conta da breve estadia de Paulo e Silas em Tessalônica, logo nos primórdios da missão cristã. Eles pregavam a sinagoga da cidade, onde procuravam convencer os judeus pelo argumento bíblico que Cristo era o Messias prometido, o Libertador. Alguns se converteram e foi se formando um pequeno grupo de cristãos. Um homem chamado Jason os hospedou, mas o povo tentou arrancar Paulo e Silas de lá sob a seguinte acusação: "estes que estão transtornando o mundo chegaram também aqui" (v.6).

Que maravilhoso testemunho sobre os cristãos primitivos: "estes que têm perturbado o mundo, a ordem pública, a tranqüilidade social, que têm tirado o sono das autoridades, que têm ameaçado as instituições e autoridades constituídas, estes que não aceitam o nosso testemunho religioso tradicional também chegaram à nossa cidade". O verbo "*anastatów*" pode ser traduzido como "agitar", "provocar tumulto" ou até "revolucionar" (BJ). Semelhante acusação foi feita pelo rei Acabe ao profeta Elias: "Tu és o perturbador de Israel - tu és aquele que está nos transtornando, trazendo perturbação para mim e para o Reino Assim foram conhecidos os cristãos primitivos: "aqueles que têm provocado mudanças no mundo à nossa cidade".

Que revolução é essa, pregada por Paulo e que levou o povo a dar esse testemunho aparentemente negativo mas que mais tarde foi transformado em elogio da fé? Que revolução é essa que virou o Império de cabeça para baixo, que provocou tantas preocupações às autoridades constituídas?

Era uma Revolução Espiritual, resultado do conhecimento da natureza de Deus. A verdadeira revolução começa com esta nova compreensão de Deus, com um encontro com o Deus vivo e verdadeiro, diferentes dos ídolos que nada fazem em prol do povo. Paulo pregava um Deus diferente - o Deus vivo que não é carregado em nossas procissões, mas que é capaz de nos carregar em nossas desolações.



Essa revolução espiritual falava também de um novo poder, uma nova autoridade, um novo Rei. Não mais o Imperador romano, a personificação da arrogância e da prepotência. Mas um soberano novo, incomparável, único e insubstituível. Notem que uma das acusações aos cristãos nessa época era a de estarem “subvertendo a ordem”. Os cristãos naquele tempo eram considerados “da esquerda”, aqueles que incomodavam os governantes, que lhes faziam oposição. Lemos a acusação no vers. 7: “eles agem contra os decretos de César afirmando que há um novo Rei - Jesus”.

Era também uma revolução ética - uma mudança nos hábitos, nos costumes, nos estilos de vida. Pelo poder da ressurreição de Cristo, os apóstolos anunciavam que não podemos continuar a viver como antes, é preciso viver em novidade de vida. Tudo aquilo que o mundo considera lixo, Cristo eleva e transforma em tesouro, principalmente os escravos que naquele tempo eram totalmente excluídos dos benefícios do Império. Hoje são os pobres, os excluídos, os marginalizados, Com essa mudança de conceitos revolucionários, criou-se uma nova ética não apenas pessoal, mas política e social.

Era também uma revolução social - pessoas importantes e da alta sociedade se converteram ao cristianismo (v.4 - “mulheres da elite”), mas assumiram uma nova concepção de vida social. Aos poucos os escravos cristãos ganhavam liberdade ou, no mínimo, eram tratados de modo sensivelmente diferente. Mesmo os cristãos daquela época que pertenciam a uma classe social mais abastada percebiam que era possível viver de modo diferente da elite de seu tempo e por isso foram também perseguidos. Não era mais possível compactuar com aquele sistema decadente. Por isso, mais tarde o cristianismo será considerado como um dos principais fatores para a queda do Império Romano.

Não haverá sociedade nova sem uma mudança prévia e simultânea dos valores, sem uma revolução espiritual que começa pelo coração e quando começa pelo coração atinge certamente todas as áreas da vida. Estamos desesperados atrás de uma nova ordem social, mas sem uma profunda revolução espiritual não chegaremos muito longe. Talvez o que nos falte seja perceber a atualidade do impacto da ressurreição de Cristo. E essa mensagem pode nos fazer sofrer a mesma acusação do passado: “esses que têm transformado o mundo estão também em nosso meio” (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)

### **2ª leitura – I Pedro 2.1-10 ou Atos 17.1-15**

O novo nascimento nos introduz em uma nova comunidade. Essa nova casa tem seu jeito de viver e conviver, provando o gosto da bondade de Deus, (“agora que já provastes que o Senhor é bom...” vs. 2). Por isso é preciso despojar-se dos costumes da antiga casa. O despojar-se é traduzido por abandonar e rejeitar. Trata-se de uma metáfora da mudança de vestes. É uma linguagem batismal que fala no despojamento do homem velho que se reveste de Cristo, novo Homem. O nascimento para a esperança da herança (1.3ss) é nascimento para uma nova casa. De que tipo é essa casa ou morada?



Vs. 4ss. Há aqui uma série de figuras e metáforas que falam sobre a comunidade cristã. Diferentes pedras - forasteiros, de todos os tipos, sem proteção legal e direitos políticos - porém vivas, edificadas a partir da pedra angular, aquela que foi rejeitada, mas que veio a ser a pedra que segura todas as pedras numa nova construção, em virtude de seu poder de doação reconhecido na ressurreição. O significado maior da nova vida é a comunhão, não é apenas horizontal, entre as pessoas, mas também, vertical, a comunidade com Deus que enviou Jesus no poder do Espírito Santo e está conosco por meio do seu Espírito.

Vs. 9ss. Muda-se agora o tipo de metáforas. A "raça" ou "etnia", um dado biológico em princípio fechado, é transformada aqui em metáfora eclesial aberta, que conota uma pluralidade (ver acima pedras vivas) tendo sua unidade na vontade e plano divinos, (eleita ou escolhida). Esses que agora pertencem ao povo de Deus são "sacerdócio real" (ver Ap 1.6; 5.10). Aqui estão os excluídos, humilhados, sem proteção da lei e que agora são incorporados a uma comunidade com metáforas políticas (régio, nação) e até elitista (sacerdotal, em Israel e no império romano, a função sacerdotal pertencia a uma elite.). A experiência da ressurreição de Cristo trouxe essa transformação no mundo imaginário e isso tem grande importância. O Sacerdócio régio não fala em funções de determinadas pessoas na comunidade, mas na missão dessa comunidade no mundo para a proclamação dessa ação transformadora de Deus. Essa direção voltada para o mundo impede que a Igreja ali se torne em comunidade que se separa do mundo e se fecha em seus princípios sectários. Essas metáforas e funções procedem de Ex 19.5-6; Dt 7.6; 14.2; Is 43.21. (*Dom Sumio Takatsu*)

### **Santo Evangelho – João 14.1-14**

Esse discurso de Jesus na literatura joanina corresponde aos discursos sinóticos em que Cristo começa a falar da necessidade de o Filho do homem ser morto.

O anúncio de sua ausência parece ter deixado os discípulos inquietos, a ponto de Cristo iniciar o discurso dizendo: "não vos inquieteis" (v.1). O caminho da cruz é inevitável e incontornável, mas Jesus promete a continuidade de sua presença no dinamismo da caminhada. Esse caminho é ele mesmo, e o caminho já havia se tornado claro àquela altura, em virtude de tudo que Cristo já realizara.

O versículo 2 ("na casa de meu Pai há muitas moradas") indica que a promessa de Cristo para quem segue seu caminho é a companhia de Deus e a imensidão do seu amor abrangente o bastante para incluir nessa moradia, nessa habitação espiritual com Deus, todos que aderirem ao caminho proposto por ele.

A resposta de Cristo à dúvida de Tomé (v.5-6) revela não haver para os cristãos outro caminho senão o trilhado pelo próprio Cristo. Conforme a maioria dos exegetas joaninos, as expressões "caminho" e "verdade" (vs. 6), são adjetivas e relativas ao termo final, "vida". O caminho de Cristo é aquele que prioriza e embala a vida, que com ela se compromete e desmascara, pela verdade, tudo aquilo que inibe a



vida em abundância. Quem se dispõe a seguir a Cristo, acaba por descobrir gradativamente nesse caminho, o poder da verdadeira vida.

O versículo 7 mostra que o conhecimento do Pai é progressivo. Os discípulos já podiam contemplar a Deus na própria vida de Cristo. Porém, à medida que o compromisso com o Cristo que caminha e é dinâmico vai se tornando cada vez mais radical, também aumenta nossa percepção do dinamismo e vitalidade de Deus.

Um bom princípio cristológico embutido no texto é exatamente o aspecto do dinamismo de Cristo, a idéia do "caminho". Essa tem sido uma das mais fortes ênfases da teologia da libertação: é impossível conhecer a Cristo apenas estudando cristologia, pois Cristo não é mero objeto de estudo. Ele é, antes de tudo, o Cristo vivo, dinâmico, presente e libertador, que caminha à nossa frente pelos charcos do mundo. Por isso, a cristologia que prevalece na teologia latino-americana é a que fala do "seguimento de Jesus".

O diálogo com Filipe (v.8-11) também é sugestivo, na medida em que nos oferece uma grande oportunidade para conversar com a comunidade a respeito da falta de compreensão sobre a vida cristã, e que leva tantas pessoas a exigirem milagres ou sinais visíveis para o fortalecimento de sua fé. Filipe parecia não estar satisfeito com as palavras de Jesus e lhe pediu algum sinal extraordinário: "Senhor, mostra-nos o Pai... isso nos basta". Tal pedido parece ter magoado Jesus, pois esse lhe responde com uma queixa e certa decepção: "Estou há tanto tempo convosco e não me conheces? Quem vê a mim, vê ao Pai. Como pedes tu 'mostra-nos o Pai'?"

De fato, Cristo já realizara muitos sinais como a cura do paralítico, do cego e a ressurreição de Lázaro, além dos discursos que proferira. Mas tudo aquilo, para Filipe parecia não ser suficiente. Ele queria "algo mais", algo extraordinário. Esse é um dos problemas mais graves do cristianismo em nosso tempo. As pessoas há tanto tempo ouvem o Evangelho, até mesmo conhecem alguns detalhes da vida e do ministério de Jesus, mas parece que isso não lhes é suficiente. E de fato não é, pois mais que ouvir, é necessário o engajamento e compromisso no caminho de Cristo. Por isso, quando precisam de apoio espiritual, defrontam-se com a fragilidade de sua fé e passam a buscar novidades – sinais extraordinários, milagres, curas e até exorcismos. Essa busca por novidades revela, no fundo, falta de fé. Parece que a simplicidade e singeleza do caminho proposto por Cristo não eram suficientes, pois é muito mais atrativo ver e presenciar "milagres". Para Filipe, o próprio Jesus vivo, presente e caminhante, não bastava. Ele queria ver algo mais. Era incapaz de ver nas lutas e confrontos do cotidiano os sinais da revelação de Deus. Era incapaz de ver naquele que com eles caminhava, o próprio Deus revelado.

Jesus se recusa a dar algum sinal a Filipe. Antes, apela-lhe a crer: "Creia que eu estou com o Pai e o Pai comigo; creia pelo menos por causa das minhas obras". O argumento decisivo para provar a identidade da missão de Jesus é o fato de suas obras estarem a favor da vida e do ser humano.

Na parte final da perícopes, Cristo elucida ainda mais a natureza dessas obras, ao dizer que aquele que nele crê fará as mesmas obras que ele, e em proporções



## **Centro de Estudos Anglicanos**



---

ainda maiores. Isso mostra que ele não estava realmente se referindo a milagres ou sinais extraordinários na natureza, mas de obras em favor da vida e do ser humano. Com tais palavras, Jesus desafia os seus para que percebam que ele inaugurou uma nova atividade em favor da libertação humana e que essa continua nas gerações futuras através daqueles que a ele aderem, vivem de sua vida e cumprem os seus mandamentos. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*).